

CAMINHOS NA INVESTIGAÇÃO DA ENCADERNAÇÃO PORTUGUESA

Maria Margarida Cunha
Universidade de Lisboa (Portugal)

Resumo

Esta linha de investigação propõe-se encarar a encadernação como obra de arte e caracterizá-la quer sobre códices quer sobre livro impresso e por outro lado prevê contextualizá-la no seu ambiente histórico, original. Interessa-lhe cruzar aquela informação que detida no arquivo das instituições, informe sobre assuntos como encomendas e pagamentos a livreiros, no sentido de encontrar propostas de autoridade para as peças (encadernações). Simultaneamente pode tomar-se conhecimento dos materiais utilizados, da sua designação em cada época e dos preços praticados.

Por meio deste estudo é possível obter dados auxiliares à preservação da encadernação antiga e informar os agentes de restauro sobre aquilo a que devem respeitar ao intervir numa encadernação. Sendo a primeira a chamada de atenção para o facto da encadernação ser ou não original e tomar as mesmas opções que se tomariam perante uma pintura ou uma escultura, pois que uma encadernação pode ser em si mesma uma obra de arte, relacionada com o gosto das épocas e com a sociedade onde foi executada. Se primeiro serviu apenas para preservar o corpo do livro evolui ao longo dos tempos e obteve a função de marca social e de posse.

Palavras-chave: encadernação, Casa da Moeda de Lisboa, livros de arquivo, arquivos reais, base de dados.

Abstract

This investigation proposes to look at bookbinding as a work of art and to characterize it under codex or ancient printed book. It intends, on the other hand, to place it in its historical original environment and is interested in selecting information from institutional archives, such as orders and payments to booksellers (in order to find matching author hypothesis to bookbinding), as well as the materials used, its designations through the ages and the prices paid for.

Bringing forward additional data about ancient bookbinding, this study will help book conservators to distinguish what they should respect when restoring bookbinding: assessing the originality of the bookbinding and taking the options required by any work of art, like a sculpture or a painting, respecting the taste of the epoch and the context where it was executed.

Used in the beginning to preserve the book, the bookbinding evolved through the ages to become a social and ownership mark.

Keywords: bookbinding, archive books, royal archives, database.

1. INTRODUÇÃO

A investigação projectada propõe encarar a encadernação como obra de arte e caracterizá-la, quer sobre códices, quer sobre livro impresso, e por outro lado prevê contextualizá-la no seu ambiente histórico, original. Interessa-lhe cruzar aquela informação que, detida no arquivo das instituições, informe sobre assuntos como encomendas e pagamentos a livreiros, no sentido de encontrar propostas de autoridade para as peças (encadernações). Simultaneamente pode tomar-se conhecimento dos materiais utilizados, da sua designação em cada época e dos preços praticados.

Através deste estudo é possível obter dados auxiliares à preservação da encadernação antiga e informar os agentes de restauro sobre aquilo que devem respeitar ao intervir numa encadernação. Pretende-se

chamar a atenção para o facto da encadernação poder ou não ser original, o que irá permitir tomar as mesmas opções que se tomariam perante uma pintura ou uma escultura, pois que uma encadernação pode ser em si mesma uma obra de arte, relacionada com o gosto das épocas e com o contexto em que foi executada. Se primeiro serviu apenas para preservar o corpo do livro, evoluiu ao longo dos tempos e obteve a função de marca social e de posse.

2. OBJECTIVOS

O trabalho tem por objectivo incentivar a formação de um grupo de investigação que se dedique a pensar a encadernação como uma forma de preservar os livros, que se reveste de grande importância no domínio da arte e que utiliza técnicas específicas em cada época. Assim, é urgente a constituição de uma base de dados portuguesa, que seja representativa neste domínio.

3. METODOLOGIA DOS PROCEDIMENTOS

O método que parece mais lógico é o de iniciar a pesquisa a partir da divisão das espécies pela época de produção dos textos e posteriormente seguir o processo de abordagem abaixo descrito, apesar de estarmos conscientes das acções de reencadernação que foram acontecendo ao longo dos tempos.

3.1 DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

A descrição das espécies utilizando uma ficha modelo¹ onde as incidências possam ser identificadas e trabalhadas no sentido de extrair conclusões. A linguagem de descrição deve ser uniformizada.

4. CONSTITUIÇÃO DE BASES DE DADOS

A construção da base de dados deve ser realizada de acordo com os procedimentos abaixo descritos:

- a) digitalização dos materiais;
- b) dissecação dos elementos constituintes: elementos decorativos gravados, ferragens, entalhe das pastas se visível;
- c) datação dos mesmos elementos;
- d) atribuição de títulos (pontos de acesso na base) aos conjuntos: ou seja, criação de uma gramática significativa e organizada por função e representação;
- e) carregamento das incidências classificadas, datadas, com dimensões e se possível com autoridade atribuída;
- f) sendo o estudo pluridisciplinar, deve chamar-se a atenção dos outros investigadores para os elementos que, não tendo que ver com o estudo das técnicas e decoração das encadernações, são relevantes para outras disciplinas. Assim os textos em desuso utilizados no enchimento dos planos da encadernação (impressos e manuscritos), documentos antigos aplicados como guardas, textos antigos escritos sobre pergaminho reaproveitado para a elaboração de encadernações flexíveis e reforços serão ou estudados ou colocados à disposição de outros investigadores.

5. Arquivo Histórico da Casa da Moeda de Lisboa

No sentido de exemplificar esta hipótese de trabalho descrevemos um trabalho similar efectuado no Arquivo Histórico da Casa da Moeda de Lisboa.

5.1 Livros de Arquivo. As existências no Arquivo Histórico da Casa da Moeda de Lisboa

¹ São conhecidas diversas propostas de fichas descritivas para a encadernação.

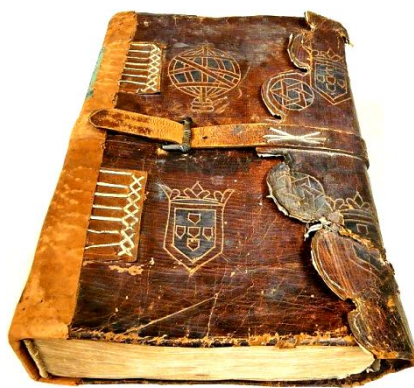
O Arquivo Histórico da Casa da Moeda possui no seu acervo trinta livros referentes ao século XVI que foram encomendados em branco para serviço da casa. Neles eram assentadas pelo tesoureiro a receita, a despesa, a inscrição do pessoal, as nomeações, entre outras informações, um sem número de dados que reflectem a vida da instituição ao longo dos séculos e neste caso concreto no decorrer do século XVI. Através deles tomamos conhecimento das personagens que entregavam ouro ou prata para cunhar moeda, pois nessa altura a moeda podia ser cunhada por encomenda, entregando a matéria-prima e pagando o feitio e o devido imposto ao rei. Tomamos ainda conhecimento de que foram encomendados livros com determinado número de cadernos e quanto foi pago por eles, que foi nomeado Jorge Fernandes livreiro como aperfeiçoador da moeda, enfim, toda uma perspectiva da vida nesta instituição ao longo dos séculos. Infelizmente o espólio do arquivo tem como data inicial 1517, ignorando-se o paradeiro das espécies anteriores. Terá sido porventura esta a instituição pública mais poupada pelo terramoto de 1755, pois situando-se junto a S. Paulo, na Baixa lisboeta, não foi vítima do incêndio subsequente ao tremor de terra.

Dada a originalidade e as características de cunho manuelino das encadernações que revestem estes livros de arquivo, era indispensável documentar a evolução da encadernação baseada nestas existências. A continuidade do estilo manuelino na encadernação institucional, representada neste Arquivo, é evidente nas datas posteriores ao século XVI, não sendo contudo incluída nesta comunicação.

Foram tipificadas as famílias de códices encontrados neste acervo e elaborou-se um quadro representativo destas, que inclui sete tipos designados de A-G.

Depois de estabelecidas as tipificações e tendo-as relacionado com as datas de produção, foi possível encontrar propostas de autoridade, usando como base de sustentação os livreiros régios em cada período cronológico e as notas de pagamento que o tesoureiro incluía na rubrica «despesas miúdas».

Posteriormente será possível encontrar paralelismo com encadernações executadas para o uso de outras casas da coroa e, provavelmente, alterar as datas de vigência de cada livreiro, de acordo com os elementos que se forem localizando.



INCM. 834

Livro de receita e despesa. - Lisboa : Casa da Moeda, 1525. 1º Plano.

6. DISCUSSÃO

As perspectivas de problematização deste tipo de investigação residem primeiro no facto de ser quase impossível fazer um trabalho de conjunto sem a cooperação da instituição pública detentora dos fundos, dada a impossibilidade de localizar as espécies através de bases de dados, ficheiros manuais ou até catálogos publicados, embora estes últimos, se contiverem reproduções, possam ser considerados como fontes. Segundo, na necessidade de haver capacidade electrónica para guardar grande número de imagens. Terceiro, na necessidade de uma equipa polivalente para localizar, fotografar, dissecar imagens e informatizar as mesmas.

7. CONCLUSÕES

Verifica-se a necessidade de alargar esta investigação a outras instituições que possuam nos seus fundos livro antigo.

Por outro lado a caracterização dos elementos constituintes das encadernações das espécies analisadas (materiais, técnicas e decoração) é indispensável no sentido de atribuir datas de produção às encadernações.

A investigação já feita permitiu a atribuição de autor a alguns conjuntos de livros.

8. FONTES

Livreiros régios

Manuel Lopes 1510

17/05/1510 Ordem de Gonçalo Coelho, contador-mor, para Diogo Pais, recebedor que foi das Sisas de Lisboa, dar a Manuel Monis, recebedor da chancelaria dos Contos, 1.090 réis para pagar a Manuel Lopes, livreiro, por livros que encadernou para os Contos, de que receberia conhecimento para os contadores os levarem em conta. (PT-TT-CC/2/22/10).

Jorge Fernandes ca 1517-1526

31/1/1517 Recibo no valor de 1.700 reis, passado por este livreiro à Sisa do Trigo, foi referido em (Lima, 1933, p. 37).

29/07/1517 Nota de pagamento que informa que no dia 29 de Julho foram pagos, a Jorge Fernandes, 100 reis por dois livros. (PT/ACM – Receita e despesa do tesoureiro, 1517).

02/03/1519 Mandado do corregedor Rui Gonçalves Maracote, conservador do Estudo e Universidade da cidade de Lisboa, contador-mor, etc., para o almoxarife da Alfândega pagar a Jorge Fernandes, livreiro espanhol, 1.200 réis de um livro que o mesmo fez. (PT-TT-CC/2/80/80).

12/07/1520 Conhecimento em que se declara que Jorge Fernandes, livreiro, recebeu de Gonçalo Pires, recebedor da Sisa do Trigo, 2.000 réis dos livros que fez para a mesma casa. (PT-TT-CC/2/90/106).

16/01/1526 Mandado do contador-mor, Gonçalo Coelho, para o recebedor da Sisa da Fruta da cidade de Lisboa pagar ao livreiro Jorge Fernandes, pelos livros que fez para a dita casa, outro tanto quanto lhe foi pago o ano anterior. (PT-TT-CC/2/131/9).

18/01/1526 Conhecimento onde consta que o livreiro Jorge Fernandes recebeu do almoxarife da Portagem 2.290 réis dos livros que fez para a dita casa. (PT-TT-CC/2/131/16).

27/8/1526 Documento referindo Luís Mendes a servir de testemunha de pagamento de dívida na Casa da Moeda de Lisboa. Neste mesmo documento vem referido Jorge Fernandes, livreiro, que recebeu 7.000 reis pelo «pagamento de cousas». (PT/ACM – Receita e despesa do tesoureiro, 1526).

09/05/1528 Ordem, do contador-mor, ao recebedor da Chancelaria dos Contos, que pagasse Jorge Fernandes, livreiro que encadernara um livro, 200 réis e ao porteiro da Fazenda, 100 réis. (PT-TT-CC/2/148/69).

Luís Fernandes 1527-1538

27/8/1527 Livreiro nomeado por D. João III para se servir dele nas coisas do seu ofício. (Deslandes, 1888, p. 42)

Afonso Lourenço ca 1538- 1549

Em 1523 edita o *Manípulos curatorum* (Brak- Lamy, 1952, p.7)

31/5/1538, ainda no reinado de D. João III, um documento comprovativo de que a Chancelaria da Corte encomendava livros de registo já feitos a Afonso Lourenço, a quem são pagos 26.400 reis por «encadernação e feito» de vinte e quatro livros (Sousa Viterbo, 1901, p. 64-65).

João de Borgonha 1550-ca.1563

12/1/1550 Nomeado para fazer e encadernar todos os livros em branco que fossem necessários à Fazenda, ao expediente das casas da Índia e Mina, e a todas as estações fiscais do Reino, pelos mesmos preços com que se pagava em vida a Afonso Lourenço (Deslandes, 1888, p. 70).

20/08/1550 Mandado da rainha D. Catarina para Álvaro Lopes pagar a João de Borgonha, livreiro, 5.700 réis de encadernações. (PT-TT-CC/1/84/142).

03/10/1554 Alvará da rainha D. Catarina para Afonso de Zuñiga dar a João de Borgonha, seu livreiro, 16.000 réis que lhe eram devidos. (PT-TT-CC/1/93/124).

Francisco Fernandes 1560 ou 62 – 1571?

Em 1562 vendia perto da Rua Nova, na travessa da Porta junto à Travessa da Madalena, as obras completas de Gil Vicente, publicadas por João Álvares em 1562. Foi encadernador régio no tempo do rei D. Sebastião. Assinou o compromisso de Santa Catarina de Monte Sinai a 21 de Junho de 1562. (Brack-Lamy, 1952, p. 11).

Luís Martel 1565 -1582/3

Filho de Salvador Martel, prosseguiu a sua obra, juntamente com sua mãe Leonor Nunes. Trabalhava na Rua Nova frente à Rua dos Pregos freguesia de S. Julião (Brack-Lamy, 1952, p.13).

25/5/1565 Nomeado por Alvará da rainha regente D. Catarina: A Luís Martel, morador na cidade de Lisboa, livreiro e encadernador del rei, mercê do ofício à morte de Francisco Fernandes; pagamento dos livros e obras que desse e fizesse; privilégio de ofício mecânico e aposento na corte. (ANTT- Chanc. D. Sebastião, lv. 14, fl. 496 v).

Continuou a exercer funções no reinado de D. Sebastião, de D. Henrique e a sua mulher e casa trabalharam para D. Filipe I.

Assinou o Compromisso da Confraria de Santa Catarina de Monte Sinai em 1567. (Brack Lamy, 1952, p.14).

1566 Recebeu o privilégio para a impressão do *Cathecismo* de D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

31/10/1582 Decidido pela Confraria que lhe fosse atribuída uma capela destinada à sua sepultura e de seus descendentes (Brack-Lamy, 1952, p.14).

Luís Martel, casado com Isabel de Mendonça, foi livreiro encadernador da Casa da Moeda. Depois na pessoa de seu filho Salvador Martel 2º. (PT/ACM - Registo geral, liv. 1, fl. 86 – 86v)

Tomé Tavares 1583

Sobrinho de Luís Martel trabalhou em sua substituição cerca de um ano.

1583 D. Filipe I nomeou-o seu livreiro, para substituir o falecido Luís Martel seu tio com o dever de fazer todos os livros e encadernações que fossem necessários para a sua fazenda, contos, e chancelaria e mais casas dos seus direitos. No entanto o rei determina que Tomé Tavares não será o seu encadernador pessoal.

1584 Falecido Tomé Tavares, Isabel Mendonça, viúva de Luís Martel, foi autorizada pelo rei a designar outro livreiro para o substituir enquanto o filho, Salvador Martel, não tivesse idade para exercer o ofício. (PT/ACM - Registo geral, liv. 1, fl. 86 – 86v)

Salvador Martel 2º dp. 1584

Livreiro encadernador, filho de Luís Martel e neto do livreiro Salvador Martel. Era muito jovem quando o seu pai morreu.

1584 D. Filipe I autorizou a viúva de Luís Martel, Isabel Mendonça, a designar um encadernador que prestasse serviço nas instituições oficiais até que Salvador atingisse a idade própria para desempenhar. (PT/ACM - Registo geral, liv. 1, fl. 86 – 86v).

Jorge Valente

Livreiro de D. Filipe I. Foi tesoureiro da Irmandade de Santa Catarina em 1582 a 1585 e de 1588 a 1589. (Brak- Lamy, 1952, p.19).

Francisco Costa 1643

Livreiro que trabalhou para Casa da Moeda.

1643 Referência a um pagamento que lhe foi feito. (PT/ACM - Receita e despesa do tesoureiro, 1643)

Pedro Vilela 1749

Livreiro morador na Rua do Ferro em Lisboa.

1749 «Despendi mais em vinte e hum do dito mes de Fevereiro do dito anno pello que paguei ao Livreiro da Casa Pedro Villela, por hum Livro de sinco mãos de papel emperial, para a receita Geral do Thezoureiro dous mil e quinhentos reis. Despendi maiis por outro Livro de sinco mãos do dito papel para a emmenta do dito dous mil e quinhentos reis para a conferencia da receita, e emmenta [dous] mil [reis]». (PT/ACM – Receita e despesa, 1749).

BIBLIOGRAFIA

- Brak-Lamy, M. (1947) A Real Irmandade de Santa Catarina da Corporação dos Livreiros e os seus juízes nobres. - Coimbra: Coimbra Editora, 1947.p. (138-164). ... Sep. *O Instituto*.
- Brak-Lamy, M. (1952) Os livreiros de Lisboa quinhentista. *Revista Municipal*, Lisboa, 54, 1952, p. 5-25.
- Brito, G. (1911) *Notícia de livreiros e impressores em Lisboa na 2ª metade do século XVI, composta em face de um códice da Câmara Municipal desta cidade*. - Lisboa : Imprensa Libanio da Silva, 1911.
- Carpallo Bautista, A. (2001) *Análisis documental de la encuadernación española: memoria presentada para optar al grado de doctor por / Universidad Complutense de Madrid*. Facultad de Ciencias de la Información Departamento de Biblioteconomía y Documentación. Dirección de los doctores: Adelaida Allo Manero, José López Yepes. - Madrid, 2001.
- Carpallo Bautista, A. (2002) Análisis de un repertorio bibliográfico sobre la encuadernación española *Revista General de Información y Documentación*. Vol. 12 Núm. 2 (2002) 355-373.
- Checa Cremades, J. L. (1998) *La encuadernación renacentista en la Biblioteca del Monasterio del Escorial*. Madrid: Ollero y Ramos, 1998.
- Checa Cremades, J. L. (2003) *Los estilos de encuadernación*. - Madrid: Ollero y Ramos, 2003.
- Clavería, C. (2006) *Reconocimiento y descripción de encuadernaciones antiguas*. Madrid : Editorial Arco/Libros, 2006.
- Deslandes, V. (1888) *Documentos para a história da tipografia portuguesa no século XVI e XVII*. Lisboa : Imprensa Nacional, 1988. (reimpressão original de 1888). p.36.
- Lima, M. (1927) *Super-Libros Ornamentais portugueses inéditos*. Porto : Oficinas Gráficas da Sociedade de Papelaria L.da., 1927.
- Lima, M. (1933) *A encadernação em Portugal. Subsídio para a sua história*. Gaia : Edições Pátria, 1933.
- Lima, M. (1956) *Encadernadores portugueses*. - Porto : M. Lima, 1956.
- Santos, R. (1952) *O estilo manuelino*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1952.
- Szirmai, J. A. (1996) *The Archaeology of Medieval Bookbinding*. Aldershot: Ashgate Publishing, 1996.
- Viterbo, F. S. (1901) *A livraria real especialmente no reinado de D. Manuel...* Lisboa : Typographia da Academia, 1901.